



ESBOÇO GERAL DA MAGIA NA WICCA: SEGUNDO A PERSPECTIVA DE MARCEL MAUSS

Mestranda Karina Oliveira Bezerra¹

Resumo

Nesse artigo pretendemos, seguindo o pensamento sobre a magia, do antropólogo Marcel Mauss, (1872-1950) em seu trabalho, “Esboço de uma teoria geral da magia” publicado em 1902-1903, em colaboração com H. Hubert, delinear um esboço geral da magia na Wicca - esta religião se apresentou ao público em 1954, e é fruto do neo-paganismo do século XIX e início do XX -. Para isso apresentamos à priori o método de estudo, e os povos pesquisados por Mauss, assim como, o contexto histórico, e os personagens que moldaram a Wicca. Desse modo, expondo e discutindo as teorias de Mauss sobre a magia, intercalaremos as práticas da Wicca.

Palavras-chave: Bruxaria moderna, Antropologia

Abstract

In this article we intend to follow the thinking about the magic, the anthropologist Marcel Mauss (1872-1950) in his work, "Outline of a General Theory of Magic" published in 1902-1903 in collaboration with H. Hubert, outline a general outline of magic in Wicca - this religion is presented to the public in 1954 and it is the result of neo-paganism of the nineteenth and early twentieth centuries. For that we introduce a priori method of study, and the nations surveyed by Mauss as well as the historical context, and characters that shaped the Wicca. Thus, exposing and discussing the theories of Mauss on magic merge the practices of Wicca.

Key-word: Modern Witchcraft, Anthropology

INTRODUÇÃO

Em seu trabalho, “Esboço de uma teoria geral da magia”, publicado em *I'Année Sociologique*, 1902-1903, em colaboração com H. Hubert, o antropólogo Marcel Mauss, (1872-1950) propõe constituir uma noção clara, completa e satisfatória da magia, que até então, não havia sido feito. Para isso ele delimita que o estudo será de sistemas tão heterogêneos quanto possível, e considerará só documentos muitos seguros e que descrevem sistemas completos de magia. Devido a isso, segundo ele, foi obrigado a observar e a comparar apenas um número limitado de magias. Pesquisou: algumas tribos australianas, um

¹ Ciências da Religião, UNICAP. Karina.olibe@hotmail.com



certo número de sociedades melanésias, duas nações de raízes iroquesas, a cherokee e a Huron, entre as magias algonquin, as dos ojibway, a magia do antigo México, a magia dos malaios dos estreitos, a magia da Índia antiga dos vedas e popular contemporânea, documentos de língua semítica, magias gregas e latinas, magia na Idade Média, e folclore francês, germânico, céltico e finlandês.

Seguindo o pensamento sobre a definição de magia em Mauss, delinearemos um esboço geral da magia na Wicca. Considera-se o marco do surgimento da Wicca a publicação no ano de 1954, do livro “A bruxaria hoje” de Gerald Gardner (1884-1964). Este último utilizou o termo Wicca², para definir a bruxaria moderna³. No entanto, sabe-se que a sistematização de Gardner, possibilitando a concretização da Wicca, perpassa por sua trajetória de vida. Esta foi guiada pela busca de uma saúde melhor, pois ele tinha asma, e o clima da Inglaterra não lhe fazia bem. Isto resultou em viagens desde os quatro anos com sua ama-seca, pelo mediterrâneo, Ilhas Canárias e Madeira, e aos seus dezesseis anos se estabeleceram no Ceilão. Desde já, Gardner começa a querer entender as crenças do nativo, e manteve os primeiros contatos com a maçonaria. Quando se tornou inspetor da Coroa Britânica dos seringais de Johore, pode aumentar suas viagens e começou a desenvolver seu trabalho amador de arqueólogo e antropólogo. Percorreu com sua esposa Donna, as cavernas pré-históricas da França, e realizou escavações na antiga cidade de Lachish, e em seu próprio país. Ao voltar aposentado à Inglaterra com 52 anos, por recomendação do médico associou-se ao um clube de nudismo. (DUARTE, 2008, p.59-60). Entrou em contato com Margaret Murray⁴ e Charles Leland⁵, ambos influenciaram bastante as obras de Gardner. Foi membro da Folk-Lore Society, participou da Rosicrucian Order Crotona Fellowship e foi iniciado na

² Significa “bruxo” em inglês antigo, e o correspondente feminino é “wicce”. No entanto, Gardner utilizou o termo para ambos os gêneros. Pois, relacionou o nome Wicca ao verbo também do inglês antigo, “wican”, que quer dizer “dobrar”, nesse sentido os wiccanos, seriam pessoas que saberiam moldar suas vidas, com a magia. Com intuito mais profundo, Gardner também relacionou Wicca, ao verbo, também do inglês antigo “witan” (saber), dessa forma a bruxaria, em inglês witchcraft (craft quer dizer arte) seria “a arte dos sábios”. Muitos Wiccanos chamam sua religião de “A Arte”.

³ Para Gardner e muitos dos seus discípulos, a bruxaria que eles praticavam ou Wicca, era a mesma dos povos pré-cristãos da Europa, e das bruxas queimadas na inquisição européia. Esses ensinamentos teriam chegado ao século XX, em segredo nos covens (grupos) de bruxas, e em seus livros denominados “livros das sombras”.

⁴ Antropóloga, folclorista e egiptóloga inglesa, com suas obras, “O Culto das Bruxas na Europa Ocidental” (1921) e “O Deus das Feiticeiras” (1933), revolucionou o pensamento da época sobre bruxaria. Ela concluiu que a bruxaria era uma religião organizada e difundida, enraizada no culto de fertilidade pagã européia, com raízes que se estendem de volta à era paleolítica e mostra de forma convincente que o Deus cornífero não era o Satã cristão.

⁵ Antropólogo, em “Aradia- O Evangelho das Bruxas” (1889) escreveu através do relato de uma jovem chamada Maddalena – uma bruxa de Florença, na Toscana. Ela afirmou ser descendente de uma tradição da bruxaria, a stregoneria (bruxaria em italiano).



Ordo Templi Orienti – OTO, travando conhecimento com Aleister Crowley⁶. Após a divulgação da Wicca ou bruxaria moderna, na Inglaterra, rapidamente ela se alastrou para o novo mundo. Atravessando o atlântico, a bruxaria moderna chegou à América do Norte a tempo de coincidir com a agitação da contracultura dos anos 1960, a política feminista, e com a preocupação crescente da cultura geral em relação ao meio ambiente. Essa coincidência possibilitou uma ampla aceitação da Wicca, pois seu conteúdo doutrinário estava em sua maioria alinhado com o novo modo de pensar, assim como, ocasionou mudanças nesse conteúdo, adaptando a Wicca à realidade americana. Situado o leitor no contexto histórico, em que Mauss de baseia para delinear a magia, e na particular história do criador da Wicca, exporemos a seguir e discutiremos as teorias de Mauss sobre a definição da magia, intercalando-as as práticas da Wicca.

DESENVOLVIMENTO

Em seu esboço sobre a magia, Mauss cita autores que a estudaram, dando um foco maior as teorias de James Frazer (1854-1941). Margaret Murray (1863-1963) teve muita influência de Frazer em seus trabalhos, conseqüentemente, Gardner se apropriou de muitas das idéias deste autor para a constituição da Wicca. No entanto, enquanto Mauss critica o pensamento positivista linear de Frazer, a contribuição deste último, para as crenças wiccanas concebe-se em sua

teoria de uma deusa única e de um deus único de múltiplas faces, a ela subordinado, como uma espécie de “religião primordial” com raízes no paleolítico, e de toda uma série de rituais daí derivados [...] A idéia central de Frazer era a de que as antigas religiões eram cultos de fertilidade, baseados no culto de uma deusa da natureza e seu consorte, um rei-sagrado. O matrimônio entre a deusa e o rei-sagrado e o posterior sacrifício e renascimento deste, segundo Frazer, seria um mito central em praticamente todas as religiões. (DUARTE, 2008. P. 42-43).

⁶ O inglês Aleister Crowley foi considerado um dos maiores magos do século XX, uma das figuras mais polêmicas, controversas e influentes da sua época. A “Besta 666”, como se autointitulou, estudou e praticou cabala, geomancia, ioga, meditação, rituais diversos, I-Ching e astrologia. Criou, em parceria com Frieda Harris, o Tarô de Crowley, que ficou conhecido como “obra-prima”. Ele buscou desvendar a correlação entre magia, sexo e drogas; apreciou e produziu arte; estudou mitologia, teosofia e as principais religiões; além de instituir o sistema de magia chamado Thelema e ser líder mundial da Ordo Templi Orientis (O.T.O.). (HEYSS, 2010).



Sem dúvida Frazer foi influenciado pelo historiador romântico Jules Michelet (1798-1874), que argumentou que a bruxaria, era a religião original da Europa, a sobrevivência de uma religião pagã da fertilidade e da adoração da natureza.

Em seu segundo capítulo, Mauss deixa logo claro que, não espera encontrar de imediato os termos de uma definição perfeita para magia, está só poderia surgir como conclusão de um trabalho sobre as relações entre magia e religião. Este problema vem do fato de que,

uma religião chama de mágicos os restos de antigos cultos antes mesmo de eles terem deixado de ser praticados religiosamente. [...] Para nós, somente devem ser denominadas mágicas as coisas que foram consideradas como tal por toda uma sociedade e não aquelas que apenas uma fração da sociedade qualificou dessa maneira. (MAUSS, 1974, p.47)

Essa explicitação é muito importante para análise da religião, pois, se tem o preconceito, de quando se trata da religião predominante, identificar nelas como supersticiosas ou mágicas as práticas oriundas de outras religiões. E quando se trata de uma religião não predominante, a relegar a condição de magia, seita, ou/e culto.

Como seria de se esperar e em consonância com a teoria de Mauss, quando a Wicca começou a aparecer na imprensa, está a chamou de várias formas, fé das bruxas, culto pagão da Bruxaria, menos como os próprios wiccanos a denominavam, “uma religião nobre aplicável à vida do século XX” ou mais comumente “a Arte” ou a “Antiga Religião”. Os termos cunhados pela imprensa não foram errados, pois os wiccanos têm fé e cultuam seus deuses. No entanto, o que propomos com essa discussão, é retratar a relutância em não considerá-la como uma religião. No segundo livro de autoria de Gardner “O significado da bruxaria” (1959), ele comenta sobre um artigo publicado em um jornal da Bretanha.

Em entrevista com um médico, que pratica em Midlands e que acredita firmemente na bondade e beleza da religião das bruxas. Ele afirmou, dada a oportunidade, que acreditava que a bruxaria pudesse torna-se novamente uma religião praticável e nobre. O jornal comentou sua declaração dizendo: “Como um ser humano responsável poderia acreditar que algo condenado pela Igreja como uma monstruosidade fosse uma religião? (GARDNER, 2004, p.271).

Desde esse momento, mas muito mais vigorosamente à partir do desenvolvimento da bruxaria moderna nos Estados Unidos, quando “o movimento convergiu de maneira singular com uma série de poderosas tendências culturais em uma maré que o



conduziu às raias da aceitação geral” (RUSSEL;ALEXANDER, 2008, p.179), a Wicca vem lutando para obter aprovação mundial como expressão religiosa plenamente legítima. A maior prova disso foi o engajamento do COG Covenant of the Goddess⁷, pioneiro no envolvimento do Interfaith Movement, que em 1993 participou da comemoração do centenário do Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago. Para surpresa dos bruxos, desde sua primeira sessão, o Parlamento enfocou a ressacralização da Natureza, subitamente os bruxos foram “os queridinhos” da mídia. No final do evento os acadêmicos declararam: “em 1983, os EUA foram apresentados aos budistas e aos hindus; em 1993, ficamos conhecendo os neopagãos”. A partir daí, os neopagãos passaram a ser incluídos em quase todos os eventos ecumênicos de caráter nacional ou global. (Cf. RUSSEL; ALEXANDER, 2008, 195/196 e 197).

Segundo, Mauss dá início a diferenciação de ritos mágicos e religiosos. Ele explica que os ritos mágicos e a magia, como um todo, são, primeiramente, *atos de tradição*. Pois *atos que não se repetem não são mágicos*.

A Wicca surgiu reivindicando uma tradição milenar, que teria sido transmitida e preservada pelos covens de bruxas, desde a era paleolítica, atravessando e dialogando com o advento do patriarcado e seus deuses guerreiros, e se enclausurando no período das fogueiras, até ressurgir das cinzas no século XX. Mediante pesquisas históricas que negam qualquer possibilidade da existência de covens de bruxas, em pleno século XX, que guardariam ensinamentos oriundos e intactos, de um tempo tão remoto, e devido a completa cristianização da Europa na idade média. Muitos wiccanos do século XXI consideram essa história o mito fundador da sua religião, e devido às características e intenções dos seus ritos, que remetem ao paganismo pré-cristão, considera-os fatos de tradição. Quanto a repetição dos atos mágicos, este é amplamente incorporado na Wicca. Mas, muito mais nos covens que seguem a primeira tradição, a britânica, Gardneriana. Pois essa, como o nome aludi, se refere a Gardner, portanto é largamente influenciada pelas Ordens a qual participou, em que a formalidade é um princípio regulador da eficácia do rito. Segundo Gardner,

A personificação de um tipo específico de poder cósmico na forma de um Deus ou Deusa, realizada pelos crentes e adoradores durante muitos séculos, estabelece a forma divina ou Imagem Mágica em uma potente realidade nos Planos Internos, e a transformação em um instrumento pelo qual aquele tipo

⁷ Uma liga de covens de várias diferentes tradições de Wicca, com conselhos locais em muitas áreas dos EUA, Canadá e Inglaterra. (Starhawk, 2010, p.338).



de poder cósmico poder ser constatado. A crença dos adoradores não é vã, pois embora eles mesmos possam ter construído a Imagem Mágica, o Poder que a engloba é real e objetivo, caso tenha sido produzido da maneira correta. (GARDNER, 2004, p.271).

Já as tradições desenvolvidas na América do Norte e outros países, e em geral a Wicca praticada hoje em dia, aceita o princípio da invenção criativa como parte da sua religião. Mas, sem sombra absolutamente nenhuma de dúvida, a magia é não só parte integrante dos ritos religiosos, como imprescindível.

Mauss continua, citando três outras práticas tradicionais as quais os atos mágicos poderiam ser confundidos. São elas, os *atos jurídicos*, que estão misturados a ritos, sem ser ritos eles mesmos. As *técnicas, como a medicina e a alquimia*, que são dominadas pela magia e da magia dependem a ponto de parecer que seu desenvolvimento deu-se no seio dela. E os *ritos religiosos*, que iremos discutir agora.

Para fazer a diferenciação entre os dois tipos de ritos, Mauss inicia desconstruindo o pensamento de Frazer. Este último restringiu o rito mágico, o definindo como rito simpático. No entanto, Mauss afirma “não apenas há ritos mágicos que não são ritos simpáticos, como há atos simpáticos na religião” (1974, p.49). Frazer, segundo Mauss, também diz que “o rito mágico age ordinariamente por si mesmo, coage, enquanto o rito religioso adora e concilia; o primeiro tem uma ação mecânica; o segundo age indiretamente e por uma espécie de persuasão respeitosa; seu agente é um intermediário espiritual. (1974, p.50). Então, Mauss explica que “o rito religioso também coage, e o deus, na maior parte das religiões antigas, não era capaz de negar-se a um rito cumprido corretamente” (1974, p.50). E continua dizendo que “não é exato, que todos os ritos mágicos tenham tido uma ação direta, pois não só há espíritos na magia, como até deuses” (1974, p.50) e esses não obedecem sempre e fatalmente às ordens do mágico.

Essas definições de Mauss deixam claro o quanto o limite entre rito mágico e religioso é tênue, e que os elementos que os compõem são os mesmos. No entanto, ele diz que, há ritos que certamente são religiosos, são eles: *ritos solenes, públicos, obrigatórios, regulares, como festas e casamentos*. É explícito nesses exemplos o caráter social, que legitima os ritos ditos religiosos. Mauss acrescenta que, há, ao contrário, outros ritos que são regulamente mágicos. São eles os *malefícios*. Mas, contraditoriamente, há ritos religiosos que são igualmente maléficos. Desse modo, Mauss observa que “a interdição é o limite ao qual a magia chega” (1974, p.51).



Destarte, ele continua a procurar elementos que permitam submetê-los a uma triagem. Ele cita que frequentemente, esses ritos têm agentes diferentes. Caso, que não ocorre na Wicca. E o seguinte agrupamento que ele faz, é muito importante em relação aos ritos wiccanos.

Inicialmente, a escolha dos lugares para a realização da cerimônia mágica, que comumente não se realiza no templo ou no altar doméstico, e sim nos bosques, longe das moradias, durante a noite ou à sombra, ou nos recantos da casa, quer dizer – às escondidas. Enquanto o rito religioso pede, em geral, o dia pleno e o público, o rito mágico evita-os. Mesmo sendo licito, ele se esconde, como o maléfico. (Mauss, 1974, p.52).

|

As bruxas modernas comemoram os oito Sabás, festivais por estação que marcam pontos-chaves no ano natural. E os Esbás, ritos de lua cheia, sendo treze anuais. Mas, ainda há os ritos de iniciação, batismo (wiccaning), casamento (handfasting), e morte (réquiem). Esses ritos por suas intenções e características, estão dentro da categoria proposta por Mauss, como ritos certamente religiosos. No entanto, o lugar de realização do rito, vai variar, de acordo com as possibilidades e implicações.

Vou abordar agora o lançamento do círculo mágico. Se vocês são bruxos, este é o seu templo. É uma criação transitória, efêmera: nós não apreciamos construções de luxo nem artefatos caros. Damos preferência ao círculo, lançado sempre onde quer que estejamos. Num mundo ideal, vocês estariam junto à natureza com um toco de árvore feito altar, no meio da floresta. Ou no alto de um morro, diante de uma grande fogueira. Como a vida não é mais desse tipo para a maioria de nós, vocês provavelmente estarão em seus próprios lares. (BETH, 2000, p.44)

Esse texto acima foi retirado de um livro lançado no ano de 1990, que se chama “A bruxa solitária”, é um guia para a prática da bruxaria, para pessoas que fazem os ritos sozinhos. As características citadas acima por Mauss, para a realização da cerimônia mágica, que seria o que o diferenciaria do rito religioso, na Wicca, encontramos essas distinções de três modos. *Primeiro*, no grau de aceitação da sociedade desta enquanto religião aceita. Ou seja, a medida que a Wicca foi sendo conhecida e aceita pela sociedade, ela pode ter seus rituais realizados em dia pleno e com público, e não somente nos recantos da casa, as escondidas. *Segundo*, os praticantes solitários, pelo que a própria condição indica, carregam mais características consideradas mágicas, por conta de não haver uma interação social. *Terceiro*, há grupos que preferem realizar seus ritos nos moldes “tradicionais”, nas palavras de Mauss, “mesmo sendo lícito, ele se esconde, como o maléfico”. Todavia, os elementos que



os compõem são os mesmos. Essa mesma afirmação foi dita acima, quando observamos o tênue limite entre os referidos ritos. Vemos, portanto aqui na Wicca, o que foi observado por Mauss, “vê-se que não definimos a magia pela forma de seus ritos, e sim pelas condições em que eles são realizados e que marcam o lugar por eles ocupado no conjunto dos hábitos sociais.” (1974, p.53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações de Mauss sobre a magia são emblemáticas para a análise da religião e magia na sociedade. A percepção da interdição como estratégia de legitimação de práticas aprovadas pela regulação do momento, desconstrói a visão ainda hoje comumente de “religiões de verdade”, ou seja, de haver religiões onde suas práticas são consideradas a verdade absoluta, pois todo o corpo social - inclusive o estado mesmo de declarando leigo - à perpetua sem demais questionamentos, quanto à sua legitimação.

Já fazem cem anos em que Mauss escreveu seu esboço, o pensamento e a política já mudou muito. Hoje estão entre os deveres básicos dos governos estados nacionais a defesa, a proteção e a promoção da diversidade dos conteúdos e expressões culturais/religiosos, pois estes são elementos estratégicos de construção da ordem democrática. No entanto, se sabe que muitas denominações religiosas, ainda são pejorativamente chamadas de magia ou/e seitas. Essa situação parte não só da arrogância de uma pretensa verdadeira religião, como da ignorância de definições de magia e religião condescendentes.

A situação marginal das religiões minoritárias lhes imprimi à priori um olhar preconceituoso de quem desconhece seus significados. Juntando-se a isso, a enraizada dicotomia de religião e magia, impingida na sociedade ocidental judaico-cristã, lhes confere quase que automaticamente a nomenclatura de magia e/ou e seita.

Assim a Wicca se encontra na categoria de religião minoritária, e de características não dicotômicas. A definição de magia de Mauss contribuiu para esclarecer não só o papel e comparações da magia e religião na sociedade, como para o intuito desse trabalho, esboçar de maneira geral a magia na Wicca, a fim de elucidar o fator magia e religião, na mesma.



Referências

BETH, Rae. **A bruxa solitária**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerras**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GARDNER, Gerald. **O significado da bruxaria**. São Paulo: Madras, 2004.

HEYSS, Johann. **Aleister Crowley: a biografia de uma mago**. São Paulo: Madras, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vol 1. São Paulo: EPU, 1974

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a deusa**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.